

Reflexão

## **Uma guerra sem fim**

José Calvet de Magalhães

George W. Bush escolheu o caminho da guerra permanente, procurando, através de meios militares derrotar o terrorismo. Esta opção, condicionada pela procura da popularidade e pela política petrolífera americana, começa a revelar os seus limites.

O Presidente George Bush, eleito por uma forma ambígua e com um baixo nível de popularidade no início do seu mandato, aproveitou o paroxismo patriótico dos americanos, feridos no seu orgulho nacional e no seu sentimento de segurança e indignados pelos selváticos atentados de 11 de Setembro do ano findo, assumiu o papel do grande vingador que iria liquidar os terroristas inimigos dos Estados Unidos. Esta atitude, reafirmada até à saciedade através dos meios de comunicação, especialmente da televisão, tem permitido ao Presidente manter um elevado nível de popularidade em relação à chamada «guerra» contra o terrorismo, embora tenha declinado, de níveis mais elevados, para os actuais 70%. Este nível geral de popularidade se, todavia, for analisado por sectores, é extremamente menos elevado, atingindo níveis inferiores a 50% nas diversas matérias da política interna americana.

Vários acontecimentos, ocorridos no primeiro semestre do corrente ano, têm abalado seriamente o prestígio da administração republicana. A revelação de dados relativos às informações recolhidas pelos serviços secretos americanos antes dos atentados de 11 de Setembro, que previam a possibilidade do rapto por terroristas de aviões comerciais e revelavam a frequência de vários indivíduos muçulmanos em escolas americanas de pilotagem, informações que não foram tomadas em devida consideração a nível político, chocou profundamente a opinião pública americana. A responsabilidade do descuido não foi ainda devidamente esclarecida remetendo os responsáveis da administração para a falta de coordenação entre o FBI e a CIA. Toda esta nebulosa situação tem sido relegada para o esquecimento pelo lançamento de vários projectos para aumentar a segurança interna contra novos ataques terroristas, como o Patriot Act, o projecto da criação de um vasto Departamento de Defesa Interna e, ultimamente, a Operação Tips, vasta operação de recrutamento dos cidadãos para denunciar quaisquer sinais suspeitos de outros

indivíduos. Por outro lado, sucedem-se alguns escândalos de actuação fraudulenta das administrações de grandes corporações como a ENRON e a WORLDCOM, com repercussão desastrosa nas cotações da bolsa de valores de New York que desceram a níveis inferiores ao período que se seguiu aos atentados de 11 de Setembro. No princípio de Julho, Bush decidiu, tardiamente, dirigir-se ao público americano anunciando medidas para evitar futuras actuações impróprias dos gestores das corporações económicas. O seu discurso, pronunciado na Wall Street, teve como consequência uma brusca e brutal descida dos valores na bolsa e New York, revelando a decepção dos investidores pelas medidas anunciadas, considerando-as como simples «panos quentes».

Tudo isto se tem passado nas vésperas das eleições intercalares que terão lugar em Novembro próximo. A oposição democrática tem, naturalmente, explorado estes desaires da Administração republicana, convictos de que o seu comportamento na política interna lhes assegurará uma vitória clara nas próximas eleições, conquistando a maioria nas duas casas do Congresso, e em muitos resultados das eleições locais.

Existe actualmente nos Estados Unidos uma impressão generalizada da mediocridade intelectual do seu Presidente, revelado em sucessivas intervenções públicas em que o tom geral é uma espécie de filosofia do óbvio, semeadas de frequentes incongruências como a, já famosa, afirmação de que «a maioria dos produtos que recebemos do estrangeiro provem das importações». As suas afirmações simplistas satisfazem o generalizado baixo nível cultural da grande maioria do público, mas não o objecto de ácida crítica por parte dos editorialistas, comentadores políticos e comediantes da televisão. Todos os presidentes americanos são habitualmente alvo preferido desses comediantes, mas no caso de George Bush a ridicularização da sua mediocracia intelectual atinge níveis nunca vistos. Nem dos populares programas de sábado da NBC um comediante foi ao ponto de afirmar: «o Canadá tem um Crethian como chefe de governo; nós temos um crétin».

Mas a crítica mais séria que começa a avolumar-se nas camadas mais cultas dos Estados Unidos é a impugnação de estado de guerra permanente, resultante da obsessiva insistência de George Bush de pretender, através dos meios militares, dar caça aos terroristas internacionais que ameaça a segurança dos Estados Unidos. Trata-se, com efeito, de uma guerra sem fim. Logo após os atentados de 11 de Setembro o uso da força contra o regime talibã no Afeganistão foi compreendido pelo povo americano, e até pela grande maioria da opinião internacional, como uma justificada represália contra o apoio declarado desse regime aos terroristas do Al Qaeda chefiados por Osama Ben Laden.

Derrotado esse regime não se vê como é possível manter um estado de guerra, com o emprego de meios militares, contra os fundamentalistas muçulmanos apostados em atacar a integridade dos Estados Unidos ou dos cidadãos americanos. Os adeptos da religião muçulmana são mais de um bilião e será sempre possível encontrar algumas centenas, e até milhares, de fanáticos empenhados, com o sacrifício da própria vida, a preparar e executar atentados anti-americanos. Não se vê como uma tal situação possa ser resolvida pelo emprego da força. Destruir o poder de Saddam Hussein poderá eliminar o perigo da utilização por este autocrata de meios de destruição maciça de que parece dispor, mas não resolve o problema do anti-americanismo dos fanáticos dispersos pelo vasto mundo muçulmano.

Com o pretexto de «estado de guerra» a Administração republicana vem lançando diversas medidas destinadas a proteger mais eficazmente a segurança interna dos Estados Unidos. Estas medidas, que estão sendo alvo de aceso debate, têm levantado sérias objecções por parte de muitos políticos e cidadão americanos por poderem restringir algumas liberdades fundamentais. Vêm surgindo, através dos meios de comunicação, vários movimentos que contestam o conceito de «guerra permanente» que é utilizado por George Bush como um sustentáculo da sua popularidade.

Alguns observadores políticos mais construtivos fazem notar que a verdadeira arma contra os fanáticos terroristas do mundo muçulmano consiste numa revisão drástica e corajosa da política petrolífera americana. Dois terços da energia consumida nos Estados Unidos provem de produtos petrolíferos e uma parte importante desses produtos é importada dos países muçulmanos do Médio-Oriente. Com os consideráveis lucros das suas exportações de produtos petrolíferos estes países, com regimes autocráticos, financiam, directa ou indirectamente, os movimentos terroristas muçulmanos. Sem esse apoio financeiro estes terroristas não poderão preparar e executar os seus atentados contra os Estados Unidos e Israel. A dependência dos Estados Unidos das importações do petróleo do Médio Oriente poderia ser eliminada por três ordens de medidas: redução importante do emprego do petróleo; utilização a sério de fontes alternativas de energia, algumas nunca antes utilizadas; acordo especial com a Federação Russa e outros países. Estas medidas, aplicadas separadamente ou em conjunto, poderiam, na opinião dos especialistas na matéria, libertar os Estados Unidos, e ainda outras potências, das importações de petróleo dos países muçulmanos, dando um golpe mortal no actual financiamento dos grupos terroristas muçulmanos. Para isso seria necessário que existisse

uma forte vontade política do governo americano em adoptar tais medidas, A convicção geral dos americanos é de que essa vontade política não tem existido, em anteriores governos, em virtude das fortes pressões das grandes corporações económicas envolvidas no negócio do petróleo e que não será a actual Administração republicana que jamais enverede por esse caminho, com pessoas como Bush, Cheney e outros membros do actual governo, incluindo a própria consultora de segurança da Casa Branca Condoleezza Rice, antiga directora de Escom, intimamente ligada aos negócios petrolíferos.

Por isso a declarada guerra permanente continuará a ser o ponto forte da política de George Bush que nela encontrou um apoio de patriotismo mal-entendido para a sua popularidade interna. Há quem, porém, nos Estados Unidos ponha a nu a fragilidade desta política e considera como escandalosa a persistente “amizade” da Casa Branca com os déspotas governantes da Arábia Saudita que para manterem o seu poder autocrático subsidiam as exploradas e tiranizadas massas populares sob o domínio das leis barbáricas da dinastia saudita, instigando o ódio contra os Estados Unidos, Israel e o mundo ocidental, mantendo campo de treino para terroristas e financiando os seus atentados.